

## O PRINCÍPIO NO QUAL DEUS CRIOU: A EXEGESE DE GÊNESIS 1.1 E O DIÁLOGO ENTRE FÉ E CIÊNCIA

Felipe Soares Forti (IC) e Jonas Moreira Madureira (Orientador)

**Apoio: PIVIC Mackenzie**

### RESUMO

O artigo a seguir visa apresentar um argumento a favor da interpretação de Gênesis 1.1 como uma oração dependente (“Quando Deus começou a criar...”) em contraste à interpretação tradicional que entende o versículo como uma oração independente (“No princípio, Deus criou...”). O objetivo desse argumento é demonstrar a possibilidade de uma harmonização do texto de Gênesis com as idades geológicas e cosmológicas antigas difundidas pela corrente principal da ciência. Essa possibilidade, no entanto, não é investigada a partir de um pressuposto científico que é encaixado no texto (ou seja, a ciência não é o *fundamento* da interpretação), mas sim a partir de argumentos exegéticos que apelam para a própria estrutura gramatical de Gênesis 1.1.

**Palavras-chave:** Gênesis. Exegese. Criacionismo.

### ABSTRACT

The following article seeks to present an argument in favor of the interpretation of Genesis 1.1 as a dependent clause (“When God began to create...”) instead of the traditional interpretation that understands the verse in question as an independent clause (“In the beginning, God created...”). The objective of this argument is to demonstrate the possibility to harmonize the text of Genesis with the old geological and cosmological ages taught by the mainstream science. This possibility, however, is not investigated out of the scientific presupposition that is forced into the text (that is, science is not the *foundation* of the interpretation), but instead out of exegetical arguments that appeal to Genesis 1.1 own grammatical structure.

**Keywords:** Genesis. Exegesis. Creationism.

## 1. INTRODUÇÃO

Em seu comentário ao Gênesis, o estudioso do Antigo Testamento, Gordon J. Wenham, observa que Gênesis “tem sido o foco de maior atenção do que a maioria das outras partes do Antigo Testamento” (WENHAM, 2010, p. 29). Wenham aponta que as descobertas da geologia e biologia trouxeram dúvidas aos relatos de Gênesis, com sua narrativa de criação em seis dias e com as datações propostas pelas genealogias (Ibid., p. 30). De fato, esse aparente conflito é uma das razões para o crescente interesse nas discussões acerca de ciência e religião. Como Peter Harrison explica, uma das razões

para o crescente interesse na ciência e na religião está na permanência e, de fato, no crescimento, de influentes movimentos antievolucionistas. O *criacionismo da terra jovem, que rejeita as evidências provindas tanto pela macroevolução quanto pela geologia para se atestar a antiguidade da terra, já foi associada exclusivamente a grupos cristãos conservadores [...]* (HARRISSON, 2014, p. 14. Grifo nosso)

Levando em conta esse último ponto a imagem de que o cristianismo é exclusivamente favorável à ideia de que o mundo tem apenas 6.000 anos se tornou popular fora e dentro dos círculos religiosos.<sup>1</sup> Essa alegada contradição entre o texto bíblico e a ciência no tocante a idade do universo não é novidade e muito menos algo de pouco impacto. Enquanto a corrente principal da ciência<sup>2</sup> afirma que a terra e o universo possuem bilhões de anos, Gênesis 1 descreve uma criação em seis dias. (POYTHRESS, 2013, p. 5). Para solucionar esse problema, diz Vern Poythress, estudiosos têm considerado essa questão por mais de 1 século (Ibid.).

Dentro do próprio ambiente teológico, portanto, essa questão se mostra de profunda importância. De um lado, há aqueles que assumem uma contradição entre a corrente principal da ciência e o texto de Gênesis, mas preferem afirmar sua interpretação da Bíblia. Ken Ham e Carl Kerby, em seu livro *War of the worldviews* [A guerra das cosmovisões], atacam diretamente os cristãos que se opõe à sua interpretação de Gênesis: “Infelizmente, muitos líderes cristãos na igreja têm dado munição ao outro lado se comprometendo com ideias evolucionárias [...]; eles adicionam a ideia de milhões de anos à Bíblia e muitos ensinam que

---

<sup>1</sup> No tocante aos que estão fora da discussão intramuros, o falecido físico Stephen Hawking, ao expor sua opinião sobre o livro de Gênesis, disse: “o Livro de Gênesis apontava o início dos tempos como sendo o dia 22 de outubro de 4004 a.C., às seis da tarde.” (HAWKING, 2018, p. 42). Implicitamente, Hawking também aponta um aparente conflito entre a fé cristã e ciência moderna ao alegar que os cálculos sobre a origem do universo nos levam a uma idade “muito além dos 4004 a.C., a data da criação do universo, de acordo com o livro de Gênesis.” (HAWKING, 1996). O interesse no debate entre fé e ciência com relação à idade do cosmos recebeu tanta atenção no século XX e XXI, que o ano de 2014 foi marcado pelo debate entre o criacionista de terra jovem, Ken Ham, e o Science Guy, Bill Nye (cf. ANSWERS IN GENESIS, 2014).

<sup>2</sup> A “corrente principal da ciência” é uma expressão que, aqui, simplesmente designa os cientistas com a opinião majoritária: o universo e a Terra possuem bilhões de anos. Em outras palavras, apenas significa o consenso entre os cientistas da área.

a evolução e o cristianismo são compatíveis.” (KERBY; HAM, 2005, p. 6).<sup>3</sup> Baseando-se nessa suposta contradição, os autores citados buscam criar uma “ciência criacionista”, a partir dos pressupostos vindos da interpretação que os criacionistas de Terra jovem têm da Bíblia. Por outro lado, há aqueles que afirmam que o texto de Gênesis não fala sobre o assunto, abrindo, assim, espaço para se crer no que a corrente principal da ciência nos diz sobre a idade da Terra.

## 2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Como se pode perceber, há duas discussões intimamente ligadas quando se fala de ciência e religião nas questões relacionadas ao criacionismo. A primeira é a discussão teológica, que ocorre intramuros. Nesse debate, há diversas interpretações de Gênesis 1-3 em conflito: a interpretação dos criacionistas de Terra jovem, que afirma que a idade de toda a criação (Universo, Terra e humanidade) é a de 6.000 anos e que Deus criou todas as coisas em um período literal de 6 dias; a interpretação do criacionismo progressivo (ou, criacionismo de Terra antiga), que aceita a idade de bilhões de anos para a Terra e o Universo, dizendo que os dias de Gênesis não são literais e, na verdade, são longas eras;<sup>4</sup> e, por fim, o criacionismo evolucionário (ou evolucionismo teísta), que muitas vezes trata o relato de Gênesis como uma alegoria, e que Deus criou utilizando o processo evolutivo.

A segunda discussão trazida no âmbito do criacionismo é justamente relacionada aos diálogos possíveis entre ciência e religião. Se, no entanto, a discussão teológica descrita acima mantiver sua postura a favor do criacionismo de Terra jovem, então certamente a teologia favorecerá um conflito genuíno entre a ciência e a religião cristã. Por outro lado, se o texto de Gênesis não nos obrigar a crer que o mundo possui apenas 6.000 anos, então não há conflito existente entre a Escritura judaico-cristã e os avanços da corrente principal da ciência moderna.

---

<sup>3</sup> Apesar de parecer algo sem importância para muitos cristãos, Ken Ham e muitos líderes que afirmam uma Terra jovem chegam a questionar até mesmo a fé e a salvação, elementos centrais da cosmovisão cristã, de um cristão que crê em uma terra de bilhões de anos. Ham diz que “o deus de uma terra antiga destrói o evangelho”, e “o deus de uma terra antiga não pode ser o Deus da Bíblia, que é capaz de nos salvar do pecado e da morte” (HAM, 2011, p. 41). No mesmo livro que Ham diz essas coisas, ele dá a entender que os criacionistas de terra antiga não adoram o Deus da Bíblia, sendo assim idólatras. Ele diz: “Os cristãos que acreditam em uma terra antiga (de bilhões de anos) precisam começar a entender a verdadeira natureza do deus de uma Terra antiga – ele não é o Deus amoroso da Bíblia.” (Ibid. p. 40).

<sup>4</sup> Com respeito às duas primeiras interpretações, há um conflito exegético com relação à duração dos dias de Gênesis e o sentido da palavra hebraica *yom*. Como explicam William Lane Craig e J. P. Moreland: “O principal debate entre os criacionistas da Terra jovem e os criacionistas progressivos é quanto ao uso da palavra hebraica *yom* (dia) no Gênesis, e, conseqüentemente, quanto à idade do Universo e da Terra, além da utilidade do Dilúvio na análise geológica.” (MORELAND; CRAIG, 2021, p. 591). No entanto, dizem os autores, ambos “concordam que a teoria geral da evolução é falsa e que algum tipo de ciência teísta é apropriado.” (Ibid. pp. 591-592). Os criacionistas evolucionários, por outro lado, possuem uma resistência evangélica muito forte por conta de uma tradição recente de literalismo com relação ao texto de Gênesis.

A pesquisa apresentada nesse artigo tem como objetivo apresentar e avaliar os avanços na exegese do texto de Gênesis 1.1 e averiguar, a partir do próprio texto bíblico, se a mensagem inspirada por Deus entra em conflito com o que a corrente principal da ciência nos diz.

## 2.1. A TRADUÇÃO E A INTERPRETAÇÃO DE GÊNESIS 1.1

O ponto inicial de uma discussão a respeito da idade da criação deve, assim, começar no primeiro versículo de Gênesis 1. Tradicionalmente, a tradução tem sido feita como: “No princípio, criou Deus os céus e a terra.” (Gênesis 1:1 ARA). Existem três formas principais de se entender esse texto:

- (1) Tradicional: Gênesis 1.1 é uma oração independente, com o substantivo *bereshit* no absoluto. Nessa interpretação, o texto relata o primeiro ato de criação de Deus: os céus e a terra. Esse ato de criação faz parte do primeiro dia de Gênesis.
- (2) Teoria da Lacuna: Gênesis 1.1 é uma oração independente, com o substantivo *bereshit* no absoluto, mas o texto narra um ato que aconteceu antes do primeiro dia, em um tempo indeterminado antes da terra se tornar “sem forma e vazia”.
- (3) Construto: Gênesis 1.1 é uma oração dependente, com o substantivo *bereshit* no construto. Nesse caso, o texto começa com Gênesis 1.1 dependente de 1.2, que é uma oração parentética circunstancial (“Quando Deus começou a criar os céus e a terra – a terra era sem forma e vazia...”).

A partir daqui, serão explicadas as três perspectivas e será argumentado que o melhor entendimento de Gênesis 1.1 é a posição (3).

## 2.2. A INTERPRETAÇÃO TRADICIONAL

Com respeito a (1), essa tradução aponta para o início absoluto de toda a criação do cosmos. Como explicam William Lane Craig e Paul Copan, esse texto “declara uma das coisas mais fundamentais que podemos saber sobre Deus e o mundo em que vivemos [...] a afirmação tem sido proclamada por cristãos em todos os séculos e quase sempre foi entendida que Deus criou todas as coisas a partir do nada” (CRAIG; COPAN, 2002, p. 93). Ao comentar Gênesis 1.1, Walter Kaiser diz que o texto “se compromete à doutrina do início absoluto de todas as coisas (‘os céus e a terra’) fora Deus.” (KAISER, 2007, p.76). Essa criação é uma criação a partir do nada, ou *creatio ex nihilo*. Como diz Raymond Dillard, “o tema de Gênesis 1 e 2 não é como Deus criou, mas que Deus criou a criação, e que ele fez isso sem nenhuma matéria preexistente (*creatio ex nihilo*)” (DILLARD, 2005, p.52). Gleason Archer também afirma: “Somente a Bíblia afirma que Deus criou tudo *ex nihilo* [...] A conclusão

de que o universo material foi criado por nada ou emergiu do nada é logicamente impossível e põe o ateu em posição de total irracionalidade” (ARCHER, 2012, 210).

Talvez um dos nomes mais significativos na história da Igreja cristã em relação à essa questão seja Santo Agostinho. De acordo com Agostinho, a expressão “céus e terra” significa que uma matéria primordial foi criada por Deus e, nela, havia a semente dos céus e da terra que Deus, o artífice, formou (AGOSTINHO, 2005, p. 422). Ele diz em suas *Confissões* que todas as coisas foram “feitas por Vós [por Deus] do nada” (AGOSTINHO, 1996, p. 413)

Aparte de ser uma tradução tradicional, o que é um fato usado a favor dela, é argumentado que esse texto não pode estar em *construto* por razões gramaticais (cf. OGUNLANA, 2013, p. 94). De acordo com Page Kelley: “O estado absoluto singular é a forma na qual se encontram os substantivos listados nos dicionários e nas listas de vocábulos. O estado construto do substantivo representa uma redução da forma do absoluto.” (KELLEY, 1998, p. 85). Essa relação de construto é definida como a junção de dois substantivos em uma sentença (Ibid.). Como no hebraico bíblico não existe a preposição “de”, o construto faz esse papel (Ibid.). No entanto, em Gênesis 1.1, o substantivo *bereshit* é seguida do verbo finito *bara*, o que seria incomum para uma relação de construto.

Além disso, Joshua Wilson ainda argumentou apelando para a estranheza gramatical que seria se lêssemos Gênesis 1.1 como uma oração dependente, já que, dentro da Escritura, seria uma formulação atípica. Ele diz que, em 97% das orações dependentes no restante da Bíblia, elas não são separadas pela terminação *soph passuk*, um sinal hebraico usado para indicar o fim de um verso. E esse é exatamente o caso de Gênesis 1.1 e 1.2, que são separados por esse sinal (WILSON, 2018b, p. 348). Além disso, também não há exemplos no Antigo Testamento de orações dependentes onde haja uma oração parentética logo em seguida, como é o caso de Gn 1.2 (Ibid.). Wilson conclui que, embora a tradução de Gn 1.1 como oração dependente seja possível e até mesmo provável no sentido léxico e gramatical, como uma oração ela ainda não funciona por ser fora do comum (Ibid.).

Ambos estes argumentos serão comentados adiante. Por hora, fica evidente que essa é uma tradução preferida pelos criacionistas de Terra jovem, pois Gênesis 1.1 se torna parte do primeiro dia e, caso os dias sejam literais, a criação do cosmos pode ser datada a partir do texto junto do cálculo feito a partir das genealogias.

### **2.3. A TEORIA DA LACUNA**

A Teoria da Lacuna diz que entre os versículos 1.1 e 1.2 de Gênesis há uma lacuna de tempo indeterminado. Essa interpretação, revivida no século XIX pelo teólogo Thomas Chalmers, além de postular essa lacuna, também afirma que durante esse hiato de tempo houve a queda de Satanás e, como consequência, Deus causou um dilúvio (LIN, 2019, p. 3).

Esse posicionamento é chamado de *teoria da reconstrução*, uma variante da Teoria da Lacuna. Richard Davidson explica:

De acordo com essa visão, Gênesis 1.1 descreve uma criação originalmente perfeita há algum tempo desconhecido atrás (milhões ou bilhões de anos atrás). Satanás era o dono deste mundo, mas, por causa de sua rebelião (Isaías 14.12-17), o pecado entrou no universo. Deus julgou a rebelião e a reduziu a ao estado arruinado e caótico descrito em Gênesis 1.2. (DAVIDSON, 1994, p. 9)

Apesar de ser comum muitos crerem na teoria da restauração, há quem considere que há apenas uma lacuna entre a criação do universo e a Terra sem forma e vazia (cf. WHITEFIELD, 2011). Esse tipo de criacionista de Terra antiga, portanto, pode manter tanto que a criação foi arruinada quanto que houve apenas uma lacuna entre os dois eventos.

Dois argumentos principais têm sido apresentados para essa conclusão: primeiro, Isaías 45.18 afirma que Deus não criou a Terra “para estar vazia” (*bohu*), o que tornaria estranho o texto de Gênesis começar com a criação da Terra “sem forma e vazia”. A Bíblia Scofield comenta:

Esse é um dos textos que sugere a interpretação do Julgamento Divino de Gênesis 1.1-2 [...]. Essa interpretação sugere que a Terra foi criada perfeita. Depois de um período indefinido de tempo, possivelmente em conexão com o pecado de Satanás e a rebelião contra o Altíssimos [...], o julgamento caiu sob a terra e se tornou “vazia” ou “caos” [...] (THE SCOFIELD STUDY BIBLE, 2002, p. 973)

Segundo, gramaticalmente, também é argumentado que a ordem das palavras em Gênesis 1.1 implica que o texto fale de uma ação completa que está sendo contada como pano de fundo. Rodney Whitefield explica:

Colocar o verbo como a segunda palavra em uma sentença é um dos métodos pelos quais o hebraico bíblico indica uma ação completa [...] O verbo ser a segunda palavra na ordem é usado para dar uma informação de pano de fundo já completo no começo da narrativa e para inserir outra informação já completa na narrativa como um comentário ou um lembrete de eventos que já haviam ocorrido. (WHITEFIELD, 2011, p. 10)

Hugh Ross também argumenta, seguindo Whitefield, que “Gênesis 1.1 declara que o universo teve um princípio e que a sua criação é um evento completo. Gênesis 1.2 proclama que a Terra havia existido em seu estado sem forma e vazio. Ou seja, o universo e a Terra já estavam prontos antes dos eventos dos seis dias de criação” (ROSS, 2015, p. 80).

Em outras palavras, segundo essa interpretação, o texto de Gênesis 1.1 conta de algo que Deus já havia feito para dar o pano de fundo do que se seguiria nos seis dias de criação. Há, portanto, de acordo com essa visão, uma lacuna de tempo indeterminado entre o pano de fundo citado e Gênesis 1.2.

## 2.4. GÊNESIS 1.1 COMO UMA ORAÇÃO DEPENDENTE

Apesar de tradicionalmente ser visto como uma oração independente, nem sempre essa interpretação foi unânime. No período medieval, o Rabino Rashi, em seu comentário ao Gênesis, escreveu: “O texto não tem a intenção de apontar para uma ordem nos atos da Criação – afirmar que estes (o céu e a terra) foram criados primeiro” (RASHI, 2016). Rashi, preferiu entender *bereshit* como um substantivo em construto. Ben Stanhope também apresenta uma lista de hebraístas contemporâneos que se opõem à tradução tradicional:

Robert Alter (Universidade da Califórnia), Martin Baasten (Universidade de Leiden), Mark S. Smith (Universidade de Nova Iorque e Princeton), Ellen van Wolde (Universidade Radboud), Robert Holmstedt (Universidade de Toronto), Michael Heiser (Logos Bible Software), John Hobbins (Wisconsin-Oshkosh), Francis Andersen (Fuller Seminary), Bruce Waltke (Knox Seminary), William P. Brown (Seminário Teológico Columbia), Miles Van Pelt (Reformed Theological Seminary), Benjamin Sommer (Jewish Theological Seminary), Jack Sasson (Universidade Vanderbilt), Richard E. Averbeck (Trinity Evangelical Divinity School), Christine Hayes (Yale) e Jon Levenson (Harvard). (STANHOPE, 2020, p. 48-49)

De fato, Robert B. Coote e David R. Ord dizem que a tradução tradicional “está incorreta” e que os historiadores sabem disso, mas os tradutores a mantêm por tradição (COOP; ORD, 1991, p. 50). O argumento de Rashi para essa conclusão foi baseado na percepção de que, através da Bíblia hebraica, a palavra *reshit* geralmente ocorre em construto (RASHI, 2016).<sup>5</sup> De fato, *bereshit* aparece em 78% das vezes como o primeiro de dois substantivos em um estado de constructo, e apenas em 10% há a certeza de estar no estado absoluto (ex.: Isaías 46.10) (OGUNLANA, 2016, p. 96).

O fato de a palavra não possuir artigo definido também serve de argumento a favor da leitura de *reshit* em construto. Se *reshit* estivesse em absoluto, era de se esperar que fosse escrito *bareshit* e não *bereshit*. De acordo com Heiser, “A primeira palavra (*bereshit*) é, na verdade, um sintagma (uma preposição com um substantivo). De modo simples, não há artigo definido (a palavra *no*) em *bereshit*. Isso significa que devemos evitar usar a palavra *no* de nossas traduções” (HEISER, 2018a, p. 172). Stanhope concorda e reforça: “não há nenhum manuscrito hebraico com os sinais vocálicos (chamados de textos Massoréticos) que marque Gênesis 1.1 com a palavra “no” (como em “no princípio)” (STANHOPE, 2020, p. 48). Esse é um indicativo de que o substantivo está em construto.

Heiser conclui que a tradução desse texto deveria ser: “Quando Deus começou a criar os céus e a terra” (HEISER, 2018a, p. 172). A *Tanakh* da *Jewish Publication Society* concorda com essa tradução: “Quando Deus começou a criar o céu e a terra – a terra estava sem forma e vazia, com trevas sobre a face do abismo e o vento de Deus pairando sobre as águas –

<sup>5</sup> Rashi cita os textos de Jeremias 26.1; Gênesis 10.10 e Deuteronômio 18.4 como demonstração disso (Cf. RASHI, 2016).

Deus disse, “Haja luz”; e houve luz” (Gênesis 1.1-3 JPS). Nessa tradução, 1.1 passa a ser uma oração dependente. A implicação disso é que o texto de Gênesis não começaria com a criação do universo a partir do nada, mas sim com a terra já existindo sem forma e vazia. Como Wilson explica:

Essa mudança na tradução claramente causa uma mudança de interpretação: Gênesis 1.1 não é mais o primeiro ato de criação. Ao invés disso, Gênesis 1.1, junto com 1.2, descrevem o contexto em que o primeiro ato de criação ocorre: a criação da luz em Gênesis 1.3. De acordo com essa interpretação, portanto, os elementos de Gênesis 1.2 já estão presentes antes de Deus começar a criar. (WILSON, 2018a, p. 2)

Apesar de em alguns casos *reshit* aparecer no absoluto mesmo sem o artigo definido, essas passagens estão em poesia hebraica, enquanto Gênesis 1 é uma prosa.<sup>6</sup> Robert Holmstedt explica que a natureza linguística de prosa bíblica nos leva a esperar que haja um artigo nas palavras que são definidas e que não estão em construto (HOLMSTEDT, 2008, p. 58).<sup>7</sup> Além disso, entender *bereshit* como um substantivo em construto também faz mais sentido devido a regras da língua hebraica previamente desconhecidas a respeito de orações relativas restritivas.<sup>8</sup> Jack Sasson também aponta que “Todos os exemplos de [*bereshit*] estão em orações temporais, e os exemplos [...] no estado absoluto (com ou sem as proposições prefixadas) são encontradas apenas quando o termo é usado em um contexto cerimonial” (SASSON, 1992, p. 187). Sasson crê que a leitura de *bereshit* em estado de construto está “além de qualquer disputa” (Ibid.).

<sup>6</sup> Apesar de existirem características de poesia no texto de Gn 1, essas características não se sobressaem (HOLMSTEDT, 2008, p. 58). Além disso, como Sailhamer explica, não existem sinais de que o autor tinha a intensão de que o texto fosse lido como uma poesia, mesmo com a repetição (característica comum de poesia hebraica) ser frequentemente usada (SAILHAMER, 2011, p. 122). Sailhamer diz que a poesia “como é conhecida no restante da Bíblia possui características distintas que simplesmente não são encontradas nas narrativas de Gênesis 1 e 2” (Ibid.).

<sup>7</sup> Ao tentar demonstrar a possibilidade de *bereshit* ser entendido como absoluto, apesar da ausência de artigo definido, Wilson propõe que a palavra pode estar lexicalmente relativa, mas gramaticalmente absoluta. Para isso, Wilson usa como exemplo a palavra “Fim” ao final de um filme. Enquanto substantivos relatores como *fim*, *começo*, *atrás*, *frente* etc. implicam a necessidade de um complemento (“é o fim de que?”, “é o começo de que?”, “está atrás de que?”, “está na frente de que?” etc), ao final de um filme a palavra “Fim” aparece de forma absoluta, embora seja um substantivo relator (WILSON, 2018a, p. 8). Wilson segue essa ideia e diz: “Similarmente, substantivos relatores no hebraico podem ser ambos, lexicalmente relativos e gramaticalmente absoluto. Em outras palavras, esses substantivos relatores hebraicos, mesmo quando são relativos, podem se manter sozinhos e não requerem o uso da preposição ‘de.’” (Ibid.). De modo simples, o que Wilson está argumentando é que o substantivo *bereshit*, apesar da ausência de artigo definido, não requer, necessariamente, a tradução “Quando/no princípio de”, mas pode ser ainda traduzida de forma absoluta, como se estivesse falando de um ponto inicial da criação. Apesar de isso ser possível (e Wilson cita vários exemplos disso no texto hebraico), sua conclusão implica apenas que o contexto do evento *pode* ajudar a entender se uma palavra é gramaticalmente absoluta ou relativa. No caso de *bereshit* em Gênesis 1.1, Wilson diz que o conceito da palavra está relacionado ao universo, tempo *ou* ao evento de criação e, por isso, o texto *pode* ser lido como como a origem de todas as coisas (Ibid. p. 11).

<sup>8</sup> Orações relativas restritivas são aquelas que restringem o escopo de uma sentença. Por exemplo: “Os alunos foram bem na prova” não especifica quem são esses alunos. Já a sentença: “Os alunos *que estudaram muito* foram bem na prova” restringe o escopo dos alunos apenas àqueles que estudaram muito.

Como dito acima, um dos argumentos contra essa interpretação é que a relação de construto geralmente ocorre entre substantivos, o que seria uma exceção aqui, já que *bereshit* é seguido do verbo finito *bara* (“criar”). Entretanto, há uma solução gramatical para esse problema: pode-se entender que Gênesis 1.1 é uma oração relativa sem marcação (HOLMSTEDT, 2008, p. 59).<sup>9</sup> Assim, a leitura de Gênesis 1.1 como uma oração relativa (“No princípio [no qual / em que] Deus criou os céus e a terra”) indica que *reshit* não está em constructo com o verbo *bara*, mas sim com um pronome relativo oculto. De fato, como Holmstedt aponta, existem estruturas construto-relativo similares no texto da Bíblia hebraica, como é o caso de Oséias 1.2, Isaías 29.1, Levítico 15.48, 1 Samuel 15.15 e Jeremias 48.36. Em todos esses casos, diz Holmstedt, “o substantivo que precede o verbo não está em constructo com o próprio verbo, mas sim com a oração relativa sem marcação” (Ibid. p. 60). Ele diz que essa opção “faz sentido com o fato de que o substantivo *bereshit* não possui o artigo e está de acordo com a gramática hebraica conhecida” (Ibid., p. 59).<sup>10</sup>

Esse fato também desconstrói o argumento de Whitefield, que visa provar a lacuna entre os versículos 1.1 e 1.2 a partir da posição do verbo em segundo lugar na sentença. Dado que Gênesis 1.1 é uma oração relativa sem marcação, a segunda palavra na sentença não é um verbo, mas sim um pronome relativo oculto.

Além disso, para que haja uma lacuna entre 1.1 e 1.2, o texto deveria ser sequencial. Todavia, Gn 1.2 não pode ser lido como uma sequência de Gn 1.1. Isso ocorre porque 1.2 começa com um *waw* disjuntivo. O *waw* hebraico pode aparecer no começo de uma sentença como uma conjunção (quando ligado à um verbo) ou como uma disjunção (quando ligado à um não-verbo). No primeiro caso, ele implica em uma continuidade no texto, geralmente sendo traduzido por “e”; no segundo caso, ele dá uma ideia de explicação parentética ao texto. Como William Lacy Lane explica:

Você também tem [com relação a *waw*] o disjuntivo que é uma descontinuidade, uma mudança de cena ou de participantes. Geralmente, isso se dá quando se tem uma oração explicativa (ou, as vezes chamada de parentética) [...]. Na oração disjuntiva, você não tem o verbo na primeira posição. Você pode até ter um verbo na oração, mas ele não está na primeira posição. (WILLIAM LANE, 2020, 16:00-18:30).

Em Gênesis 1.2, o *waw* é disjuntivo, pois está ligado a um substantivo (*erets*). Heiser explica a implicação disso para o texto de Gênesis 1:

... o versículo 2 tem um sinal gramatical hebraico que *possui a função de interromper* uma sequência linear (chamado de *waw* disjuntivo). Isso significa que o versículo 2 é um pensamento parentético à ideia incompleta do versículo 1. Esses dois versículos não são uma sequência. Ao invés disso,

<sup>9</sup> Um substantivo, no hebraico, pode ser modificado por uma oração relativa mesmo se o pronome relativo (“quem”, “qual”, “aquele”, etc) não aparecer no texto (STANHOPE, 2020, p. 52).

<sup>10</sup> Holmstedt também aponta o fato de que essa característica é comum em outras línguas semíticas, como o Acadiano, por exemplo (HOLMSTEDT, 2008, p. 61).

eles são pensamentos preparatórios para o versículo 3, o qual, gramaticalmente, é o primeiro ato de criação dessa passagem. (HEISER, 2018a, p. 173)

Babatunde Ogunlana diz que 1.2 “é um comentário parentético que descreve a condição da Terra antes de Deus começar sua atividade de criação em Gênesis 1.3” (OGUNLANA, 2016, p. 97). Por essa razão, não apenas a Teoria da Lacuna se torna gramaticalmente inviável, como mesmo se *reshit* estivesse no absoluto, Gênesis 1.1 teria que ser lido como um título e não como um primeiro ato. Entretanto, como John Sailhamer argumenta, títulos hebraicos consistem em frases simples e, se esse fosse o caso de Gênesis 1.1, seria algo como “A criação de Deus dos céus e da terra” (SAILHAMER, 2011, p. 53). Além disso, Gênesis 2.1 marca a finalização do texto repetindo a mesma linguagem, formando uma estrutura de quiasma que resume todo o ocorrido nos seis dias, o que seria incomum para títulos (Ibid.). De todo modo, mesmo se 1.1 fosse um título, o texto ainda começaria com a Terra já criada sem forma e vazia.

Recentes avanços no estudo de orações relativas também dão uma nova luz a como se deve entender Gênesis 1.1. Holmstedt demonstrou que esse texto faz todo o sentido como uma oração dependente quando se entende a natureza de uma oração relativa restritiva. De acordo com Holmstedt, duas marcas características existem em orações relativas restritivas:

- 1) A cabeça da oração é um substantivo em construto que está preso à uma oração relativa que o modifica (como no caso de *bereshit*);
- 2) A oração não é marcada e, assim, não possui o pronome relativo (“qual”, “aquele”, “que” etc.).

Holmstedt descobriu que essas duas características marcam orações relativas de modo que, quando qualquer uma delas está presente, elas *sempre* são restritivas (HOLMSTEDT, 2008, p. 59-63). Com respeito a isso, Stanhope comenta:

O estudo compreensivo de Holmstedt a respeito de orações relativas hebraicas fez a importante descoberta de que, quando uma oração relativa modifica um substantivo na forma presa, a oração relativa *sempre* é restritiva. [...] Holmstedt também descobriu que quando uma oração relativa hebraica omite a palavra relativa (*quem, qual, que* etc.), a oração relativa é *sempre* restrita. (STANHOPE, 2020, p. 53).

A importância dessa descoberta para a discussão aqui apresentada é que *ambas* as marcas aparecem no texto de Gênesis 1.1, ou seja, “o autor [...] usou duas técnicas diferentes para marcar a passagem como relativa restritiva.” (Ibid.). Além disso, essas regras não possuem *nenhuma exceção* em toda a Bíblia hebraica (Ibid.) e, por sua própria natureza, orações relativas restritivas são dependentes (Ibid. p. 54). Desse modo, conclui Holmstedt, “a interpretação e tradução da primeira palavra [*bereshit*] no texto Massorético [...] como um

sintagma preposicional temporal absoluto, “no princípio...”, é gramaticalmente indefensável. Ponto final. Fim de história” (HOLMSTEDT, 2011).

Suporte adicional para essa conclusão vem de mais duas características importantes de Gn 1.1:

- 1) Sailhamer notou que a palavra *reshit* normalmente se refere à um período de tempo, não a um ponto inicial (SAILHAMER, 2011, p. 17). Para demonstrar isso, ele cita os textos de Jr 28.1, Gn 10.10 e Dt 11.11-12, que usam a palavra para se referir à um período, não a um princípio. Se o autor de Gênesis quisesse apontar um princípio absoluto, ele poderia usar as palavras *rishonah* ou *rechillah* (Ibid. p. 19). Walton segue a mesma ideia ao dizer que “período inicial” ou “período inaugural” transmitem a natureza de *reshit* (WALTON, 2009, p. 44; WALTON, 2015, p. 27)<sup>11</sup>;
- 2) Ashby Camp, ao tentar defender o criacionismo de Terra jovem, acidentalmente apresentou um argumento que faz com que a leitura de Gn 1.1 apresentada até aqui faça mais sentido. Segundo ele, a expressão “céus e terra” engloba tudo aquilo que foi feito durante os seis dias. Para essa conclusão, Camp cita os textos de Gn 2.1; Êx 20.11 e 31.17 que falam de todos os seis dias como a criação dos céus e da terra (CAMP, 2015, p. 43).<sup>12</sup>

Somando esses dois argumentos ao fato de Gênesis 1.1 ser uma oração relativa restritiva, pode-se seguir a tradução proposta por Holmstedt: “No período inicial em que Deus criou os céus e a terra...” (HOLMSTEDT, 2008, p. 65). Com os dois argumentos acima, “período inicial” se refere a todos os seis dias de criação, e “céus e terra” a tudo o que foi feito nesses seis dias. Essa tradução traz a mesma ideia daquela que está presente na *Tanakh* da *Jewish Publication Society*, onde o texto simplesmente apresenta Deus chegando em uma Terra previamente criada por ele para trabalhar nos céus e na terra. Por isso, a Terra não foi

---

<sup>11</sup> Apesar de Sailhamer entender que esse período inicial se refere a um tempo anterior aos seis dias, a construção linguística do versículo 1 como uma oração dependente descarta essa possibilidade (cf. WALTON, 2014, p. 78). Bruce Waltke diz que “‘Princípio’ se refere a todo o evento criado, os seis dias de criação, não algo anterior aos seis dias nem a uma parte do primeiro dia. Embora haja quem afirme que 1.1 funciona como meramente o primeiro evento da criação [...] a gramática comprova que tal interpretação improvável” (WALTKE, 2003, p. 67). Waltke também diz que o texto indica que há um tempo e um espaço anteriores a Gênesis (Ibid.).

<sup>12</sup> Camp interpreta que, apesar de “céus e terra” englobar o todo, a Terra descrita no versículo 2 ainda faz parte da criação e, portanto, foi criada a partir do nada logo no início de Gn 1.1 (CAMP, 2015, p. 43). Essa interpretação, no entanto, parte do pressuposto de que Gn 1.2 seja parte da criação dos céus e da terra, e não um pano de fundo ou a explicitação do que será feito nos seis dias. Como explicado acima, o fato de 1.2 começar com um *waw* disjuntivo faz com que esse verso seja uma oração parentética, que tem o propósito de explicar um contexto no momento em que Deus aparece para criar os céus e a terra. Além disso, traduzindo 1.1 como uma oração relativa restritiva faz da leitura de 1.2 como um pano de fundo anterior à criação mais provável. Por conta disso, a interpretação de que a terra foi criada em Gn 1 se torna improvável.

criada para estar vazia (Isaías 45.18), pois a criação se refere a todo período inicial descrito em Gênesis 1.

Como falado acima, Wilson argumentou que entender Gênesis 1.1 como uma oração dependente seguida de uma oração parentética seria algo estranho e incomum dentro da Bíblia hebraica. Entretanto, mesmo se for assumida essa improbabilidade *dentro* da Escritura judaica, o texto ainda se torna *mais provável* dada a literatura presente em seu contexto cultural, pois os outros textos de criação dos povos da época também começavam com uma oração dependente seguida de uma oração parentética. Como diz Stanhope:

[...] a abertura em oração dependente de Gênesis é, de fato, atípica quando comparada com o restante da Bíblia como um todo, mas é *típica* em um sentido genérico quando comparado com outras narrativas de criação do contexto literário mesopotâmico antigo de Gênesis 1 [...]. (STANHOPE, 2020, p. 58)

Ogunlana também diz:

[...] outras histórias de criação, como a *Enuma Elish* (que começa com “quando o céu mais alto ainda não havia sido nomeado”), e o épico *Atrahasis* (que começa com “quando os deuses e não os homens”), e Gênesis 2.4b (que começa com “quando o Senhor Deus fez a terra e os céus”) possuem frases de início similares à Gênesis 1.1. (OGUNLANA, 2016, p. 95-96)

É possível ver isso diretamente com a comparação entre essas narrativas (STANHOPE, 2020, p. 56-57):

|                    | Enuma Elish  |
|--------------------|--|
| Oração dependente  | Quando os céus mais altos ainda não haviam sido nomeados e nem a terra abaixo dela   |
| Oração parentética | o primitivo Apsu [água fresca] foi seu progenitor, a geradora de vida Tiamat [água salgada] a portadora de tudo;<br>suas águas se juntaram,<br>nenhum canal ainda havia se formado,<br>nenhum pântano descoberto – quanto nenhum deus havia aparecido, nomes não foram dados, destinos não foram traçados, |
| Oração principal   | os deuses foram dados forma, Lahmu e Lahamu foram feitos, nomes eles carregavam.   |

|                    | Atrahasis   |
|--------------------|---|
| Oração dependente  | Quando os deuses, como os homens, suportaram o trabalho e sofreram a labuta                         |
| Oração parentética | - o trabalho dos deuses era grande. O trabalho era pesado e o sofrimento era grande -               |
| Oração principal   | Os Sete Grandes Anunaki [deuses] estavam fazendo os Igigi [deuses menores] sofrer com o trabalho... |

|                    | KAR 4  |
|--------------------|--|
| Oração dependente  | Quando os céus haviam sido separados da terra, os gêmeos distantes,  |
| Oração parentética | a mãe das deusas foi trazida à existência;<br>Quando a terra foi produzida (e) a terra foi formada;<br>Quando os destinos do céu e da terra foram fixados;<br>(Quando) a trincheira e o canal foram dados (seus) cursos corretos, (E) as margens do Tigre e do Eufrates foram estabelecidas, |
| Oração principal   | (Então) Anu, Enlil, Samas, (e) Ea, os grandes deuses, (e) os Anunnaki, os grandes deuses, sentaram-se no santuário exaltado e contaram entre si o que havia sido criado.   |

|                    | Gênesis 2.4b-7   |
|--------------------|--|
| Oração dependente  | ... quando o Senhor Deus criou os céus e a terra,  |
| Oração parentética | – não havia ainda nenhuma planta do campo na terra, pois ainda nenhuma erva do campo havia brotado; porque o Senhor Deus não tinha feito |

|                  |   |
|------------------|---|
|                  | chover sobre a terra, e também não havia ninguém para cultivar o solo. Mas, uma neblina subia da terra e regava toda a superfície do solo – |
| Oração principal | Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra...  |

Em seu comentário à *Torah*, o estudioso judeu Nahum M. Sarna diz que, aparentemente, “esse era o estilo de abertura convencional para narrativas cosmológicas” (SARNA, 1989, p. 5). Stanhope diz que essa similaridade é “muito improvável” para ser uma “mera coincidência” (STANHOPE, 2020, p. 58).

Craig e Copan respondem a esse argumento dizendo que há grandes diferenças teológicas entre Gênesis 1 e os mitos de criação do AOP, o que faz com que não seja obrigatório fazer essa leitura de 1.1 como oração dependente (COPAN; CRAIG, 2004, p. 45-46). No entanto, o argumento aqui se baseia no estilo literário, gramatical e narrativo, não na teologia do texto. Eles também dizem que essa alternativa nega a *creatio ex nihilo* e afirma um dualismo eterno, onde a matéria coexiste com Deus (COPAN; CRAIG, 2004, p. 38). Todavia, duas coisas podem ser ditas sobre isso: (1) o contexto cultural que molda o pensamento do autor de Gênesis não se preocupa com a ideia da origem de todas as coisas. Como Coote e Ord explicam, a tradição do AOP não apresenta a ideia de criação no sentido científico, onde o universo vem à existência, mas sim com conjuntos de circunstâncias (COOTE; ORD, 1991, p. 5). De fato, como Maren R. Niehoff explica, a exegese de *creatio ex nihilo* não aparece na literatura judaica do período do Segundo Templo, mas é mais explícita apenas em *Genesis Rabbah*, onde os autores têm mais contato com a exegese cristã (NIEHOFF, 2006, p. 44-45); (2) o fato de Gênesis começar com uma matéria caótica *não* exclui a criação a partir do nada em outros textos. Como Walton explica,

quando Deus cria o universo material (e é ele quem o fez), ele o faz *ex nihilo*. A doutrina do *ex nihilo* vem de João 1.3 e Colossenses 1.16, não de Gênesis 1. Em ambas essas passagens do Novo Testamento, a ênfase é na autoridade e no status do Filho de Deus e não nos objetos criados. Em outras palavras, a criação *ex nihilo* ainda faz sentido teologicamente [...] mas, literariamente, não está em discussão em Gênesis 1. (WALTON, 2015, p. 33-34).

É, portanto, seguro dizer que Gênesis 1.1 não marca a origem do universo com a criação *ex nihilo*. Ao invés disso, apenas começa apresentando aquilo que será detalhado ao longo do capítulo 1, que já começa com a terra presente. Como diz Holmstedt: “Gramaticalmente, a introdução de Gênesis simplesmente indica que é desse *reshit* particular que o resto da história se desenvolve” (HOLMSTEDT, 2008, p. 66). Se esse é o caso, o texto

começa com a Terra sem forma e vazia já presente. Por conseguinte, torna-se impossível calcular a idade da criação a partir do texto de Gênesis ou qualquer outro texto da Bíblia.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idade da Criação, no meio cristão, tem sido por décadas um tema tanto delicado quanto polêmico. O artigo apresentado aqui fornece um único argumento baseado em um único versículo para que a discussão seja amenizada: que Gênesis 1.1 não começa com a criação a partir do nada do universo, e sim com um período inicial em particular, que ocorre em um tempo indeterminado após a criação do universo mencionada no Novo Testamento (cf. Jo 1.1-3), onde Deus organiza o cosmos. O argumento se baseia na estrutura gramatical do texto e como os avanços exegéticos do texto e do conhecimento da língua hebraica afetam a tradução e interpretação do texto. A tradução tradicional, “No princípio criou Deus os céus e a terra” como uma oração independente sofre com problemas relacionados à estrutura do texto que, por sua vez, apresenta claros sinais de ser uma oração relativa restritiva, um tipo de oração dependente. Nesse caso, a tradução “Quando Deus começou a criar os céus e a terra...” ou “No período inicial em que Deus criou os céus e a terra...” é favorecido, visto que ambos trazem a ideia de dependência e de pensamento incompleto, onde Gênesis 1.2 completa a ideia iniciada.

Visto que, portanto, Gênesis não parece começar com a criação do mundo, o argumento favorece uma interpretação de Terra antiga das Escrituras, pois permite que o leitor não se comprometa com uma idade fixa da criação. Independente dos dias de Gênesis 1 serem literais, ou das genealogias do mesmo livro serem sequências ou não, com idades literais ou não, a tradução e interpretação de Gênesis 1.1 como uma oração dependente torna, assim, impossível qualquer cálculo da idade do mundo. Portanto, caso essa leitura venha a ser considerada verdadeira, o debate acerca da idade da Terra se encerra.

### 4. REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Comentários ao gênesis**, Coleção Patrística, Vol. 21, São Paulo: Paulus, 2005. Edição Kindle.

ANSWERS IN GENESIS, **Bill Nye debates Ken Ham – HD (Official)**, 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=z6kgvhG3Akl>>; Acesso 25 de Mar. 2021.

BÍBLIA. **Almeida revista e atualizada**. Disponível em <<https://www.bibliaonline.com.br/>>; Acesso 17 set. 2020.

TANAKH. **JPS hebrew-english Tanakh**: the traditional Hebrew text and the new JPS translation, 2ª Ed., Filadelfia, PA: The Jewish Publication Society, 2000.

CAMP, Ashby. A Reply to Bruce Gordon’s Biblical Critique of Young-Earth Creationism, **Answerd Research Journal**, ISSN 1937 9056, v. 8, 28 de Jan. 2015, pp. 41-64.

COOTE, Robert B.; ORD, David R. **In the beginning**: creation and the priestly history, Minneapolis, Fortress Press, 1991.

COPAN, Paul; CRAIG, William Lane. **Creation out of nothing**: a biblical, philosophical and scientific exploration, Grand Rapids: MI: Baker Academic, 2004.

\_\_\_\_\_. "Craftsman or creator?". In: BECKWITH, Francis; MOSSER, Carl; OWEN, Paul, **The new mormon challenge**, Grand Rapids, MI: Zondervan, 2002. Edição ePub.

HAM, Ken. **Criacionismo – verdade ou mito?**, Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

HARRISSON, Peter (Org.). **Ciência e religião**, São Paulo: Ideias & Letras, 2014

HAWKING, Stephen. **Breves respostas para grandes questões**, Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2018. Edição ePub.

\_\_\_\_\_. **The beginning of time**, 1996. Disponível em <<https://web.archive.org/web/20190521103235/http://www.hawking.org.uk/the-beginning-of-time.html>>; Acesso 25 de Mar. 2021.

HEISER, Michael. **Brief insights on mastering Bible doctrine**: 80 expert insights on the Bible, explained in a single minute, Grand Rapids, MI: Zondervan, 2018.

HOLMSTEDT, Robert D. **Genesis 1.1-3, hebrew grammar, and translation**, 11 de Nov. 2011. Disponível em <<https://ancienthebrewgrammar.wordpress.com/2011/11/11/genesis-1-hebrew-grammar-translation/>>; Acesso 12 de Jul. 2021.

\_\_\_\_\_. The restrictive syntax of Genesis i 1. **Vetus Testamentum**, ISSN 1568-5330, v. 58, n. 1, Jan. 2008, pp. 56-67. Disponível em <[http://individual.utoronto.ca/holmstedt/Holmstedt\\_GenesisRelative\\_VT2008.pdf](http://individual.utoronto.ca/holmstedt/Holmstedt_GenesisRelative_VT2008.pdf)>; Acesso 12 de Jul. 2021.

KELLEY, Page. **Hebraico bíblico**: uma gramática introdutória, 7º Ed., São Leopoldo: Editora Sinodal, 1998.

KERBY, Carl; HAM, Ken. "The 'Evolutionizing' of a Culture". In: HAM, Ken. **War of the worldview**: powerful answers for na "evolutionized" culture, Green Forest, AR: Master Books, 2005. Edição ePub.

MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã**, 2ª Ed., São Paulo: Vida Nova, 2021.

NIEHOFF, Maren R. Creatio ex nihilo theology in Genesis Rabbah in light of christian exegeses. **Harvard Theological Review**, ISSN 1475-4517, v. 99, n. 1, 09 de Jun. 2006, pp. 37-64. Disponível em <[http://journals.cambridge.org/abstract\\_S0017816006001118](http://journals.cambridge.org/abstract_S0017816006001118)>; Acesso 11 de Ago. 2021.

OGUNLANA, Babatunde A. Inspiration and the Relationship Between Genesis 1:1 2:4a and *Enuma Elish*. **BTSK Insight**, ISSN 2476-8480, v. 15, Kaduna, Out. 2016, pp. 87-105.

POYTHRESS, Vern S. **Christian interpretations of Genesis I**, Filadélfia, PA: P&R Publishing, 2013.

RASHI. **Rashi on Genesis 1:1**, 2016?. Disponível em <[https://www.sefaria.org/Rashi\\_on\\_Genesis.1.1?lang=bi](https://www.sefaria.org/Rashi_on_Genesis.1.1?lang=bi)>; Acesso 11 de Jul. 2021.

ROSS, Hugh. **A matter of days: resolving a Creation Controversy**, 2ª Ed., Colorado Springs, CO: NavPress, 2015. Edição ePub.

SAILHAMER, John. **Genesis unbound: A provocative new look at the creation account**, 2ª Ed., Colorado Springs: Multnomah Books, 2011. Edição ePub.

SARNA, Nahum M. **Genesis: the traditional Hebrew text with new JPS translation – commentary** by Nahum M. Sarna, Nova Iorque: The Jewish Publication Society, 1989.

SASSON, Jack M. "Time... to Begin.", In: FISHBANE, Michael; TOV, Emanuel; FIELDS, Weston (Eds). **Shacarei Talmon: Studies in the Bible, Qumran, and the Ancient Near East Presented to Shemaryahu Talmon**. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1992. Disponível em: <<https://ir.vanderbilt.edu/handle/1803/3892?show=full>>; Acesso 15 de Ago. 2022.

STANHOPE III, Ben, **(Mis)interpreting Genesis: how the creation museum misunderstands the ancient near eastern context of the Bible**, Monee Illinois: Scarab Press, 2020. Edição Kindle.

WALTKE, Bruce K. **Gênesis: comentário**, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

WALTON, John H. **The lost world of Adam and Eve: Genesis 2-3 and the human origins debate**, Downers Grove: InterVarsity Press, 2015.

\_\_\_\_\_. **The lost world of genesis one: ancient cosmology and the origins debate**, Downers Grove: InterVarsity Press, 2009.

\_\_\_\_\_. **Genesis: the NIV application commentary**, Grand Rapids, MI: Zonderzan, 2014. Edição ePub.

WENHAM, Gordon J. "Genesis". In: VANHOOZER, Kevin (Ed.). **Theological interpretation of the Old Testament: a book-by-book survey**, Grand Rapids, MI: BakerAcademic, 2010. Edição Kindle.

WILLIAM LANE. **Orações hebraicas 4 – conjuntivas e disjuntivas**, 18 de Mai. 2020, 16:00-18:30. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=rj2Occ1SY4k>>; Acesso 02 de Mai. 2021.

WILSON, Joshua, Linguistic Traits of Hebrew Relator Nouns and Their Implications for Translating Genesis 1:1, **Answers Research Journal**, ISSN 1937-9056, v. 11, 2018a, pp. 1-21.

\_\_\_\_\_. Syntactical Features of Hebrew Genitive Clauses and Their Implications for Translating Genesis 1:1, **Answers Research Journal**, ISSN 1937-9056, v. 11, 2018b, pp. 341-358.

**Contatos:** [felipe.forti@live.com](mailto:felipe.forti@live.com) e [jonas.madureira@mackenzie.com](mailto:jonas.madureira@mackenzie.com)